

Makurap e Sakirap, abandonados e cercados



“Tenho lutado por três anos e estou cansado. O pessoal que vem aqui para nos ajudar não faz nada, só piora o nosso problema. Já estamos cercados de derrubadas. O barulho das motosserras afugentou nossa caça, já é difícil o porcão, o macaco, o mutum e a anta. Logo não teremos mais nada”. Melhor do que ninguém, Damião da Silva, tuxaua do povo Sakirap, conhece a realidade indígena da área dos rios Mequéns e Providência, em Cerejeiras, Rondônia, onde habitam, desde tempos imemoriais, os índios Makurap e Sakirap.

Rondônia, o novo eldorado do Brasil? Para as multinacionais e fazendeiros, sim. Para os Makurap e Sakirap e outros povos indígenas, não. Pelo menos três grandes empresas — a Lavrama do Norte Ltda (Grupo Zugman), os fazendeiros João Bosco Altoé e Hélio Silva Lima e Irmãos — invadiram escandalosamente as terras destes índios no rio Mequéns. A tática destas empresas é constituir no Estado uma verdadeira indústria de invasões. Há na região enormes serrarias, marcações, benfeitorias, cercas, jagunços — enfim, os ingredientes do bolo de uma operação organizada de esbulho à posse imemorial indígena.

Em março deste ano, em artigo publicado pela *Folha de S. Paulo*, a antropóloga Carmen Junqueira e o jornalista Mauro Leonel Jr. denunciaram a ação predatória e especulativa das grandes madeireiras, mineradoras e serrarias nas terras dos índios em Rondônia. Segundo eles, “deve começar por explicar-se as centenas de milhares de toneladas

de madeira de lei estocadas, em trânsito para exportação, nas serrarias de Vilhena, Pimenta Bueno, Rolim de Moura, Guajará-Mirim etc. Na área indígena do rio Mequéns se encontram cinco serrarias — duas em terras dos índios — e uma média de 20 a 45 caminhões diários de mogno e cerejeira, a um lucro líquido de Cr\$ 8 milhões cada um. Na quarta serraria se encontra uma cerca de arame farpado e 14 pistoleiros, uns 200 empregados, todos bem armados, contra aproximadamente 71 índios Sakirap e Makurap, amedrontados em sua própria terra”.

KURATEG

A madeireira multinacional Lavrama do Norte Ltda, por exemplo, instalou uma serraria moderna em um ponto estratégico, bem perto das malocas dos índios Makurap e Sakirap. A madeireira também construiu uma pista de pouso ao lado da serraria, além de ter feito derrubadas dentro do território indígena, formando pastos com a finalidade de garantir a área invadida para suas ilícitas transações comerciais. As riquezas das terras indígenas estão sendo roubadas. Os índios já receberam até mesmo várias ameaças de mortes. Mesmo assim, têm procurado resistir.

Os povos do rio Mequéns não aceitam a denominação de Sakirap (macaco prego) nem Makurap (tribo do Colorado). Eles se autodenominam Kurateg (árvores do patoazinho). São mais de 80 índios, distribuídos em 6 ou 7 aldeias. Trata-

se de índios seringueiros, pertencentes a dois grupos diferentes — Makurap e Sakirap. Possuem línguas diferentes, embora tenham costumes semelhantes. Estes povos continuam abandonados. As madeiras — Lavrama, João Bosco e Hélio Silva — continuam impunes no esbulho da área indígena.

Juntos, os Makurap e Sakirap possuem uma área de 226.200 hectares. Todavia, uma boa parte desta área se encontra alagada. Os índios, sem saber o que fazer com a parte alagada, exigem outros seringais que não estão sendo ocupados. Só que eles assistem agora, também, à invasão dos 90.100 hectares restantes, sem que medidas urgentes sejam tomadas pelo órgão tutor, ficando os processos demarcatórios encalhados na burocracia brasileira. A exigência indígena é de que a Funai encaminhe o mais rápido possível a demarcação da área indígena do rio Mequéns, além da expulsão das grandes empresas madeireiras. Nada foi feito, ainda.

Com um cinismo incrível, em maio último, o deputado estadual Manoel Messias (PDS) afirmou, na tribuna da Assembléia Legislativa de Rondônia, que o projeto de criação de uma reserva indígena dos povos do rio Mequéns prejudicaria a agricultura do Estado. Respondendo às declarações do deputado pedessista, o Regional do Cimi-Rondônia, em nota, pergunta: “Será que o deputado não estaria querendo defender a permanência, na área dos Sakirap e Makurap, dos grandes grupos econômicos que estão acabando com a madeira e com os seringais dos índios?”

